

REVISTA
BATISTA
PIONEIRA

Bíblia ▪ *Teologia* ▪ *Prática*

Volume 11

Número 2

Dezembro 2022

A PRÁTICA DISCIPULADORA DE PAULO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA O PLANTIO DE IGREJAS

Paul's discipleship practice and its consequences for church planting

Me. João Eder Graebin¹

RESUMO

O discipulado é uma prática central na Igreja de Cristo (Mt 28.18-20), sobretudo naquelas comunidades cristãs que estão em processo de plantio e/ou consolidação. Partindo dessa premissa, o alvo do presente artigo é descrever o *objetivo*, a *metodologia* e o *conteúdo* encontrados na prática do apóstolo Paulo, que, no contexto neotestamentário, foi o missionário com o mais profícuo ministério de plantio de igrejas. Num segundo momento, à luz dessa prática, num segundo momento, o artigo irá refletir sobre as consequências dessa metodologia para o plantio de igrejas hodiernas.

Palavras-chave: Discipulado. Grande Comissão. Apóstolo Paulo.

ABSTRACT

Discipleship is a central practice in the Church of Christ (Mat 28:18-20), especially in those Christian communities that are in the process of planting and/or consolidation. Based on this premise, the aim of this article is to describe the objective, methodology, and content found in the practice of the apostle Paul, who, in the New Testament context, was the missionary with the most fruitful ministry of church planting. In a second moment, in this practice, the article will reflect on the consequences of this methodology for the planting of today's churches.

Keywords: Discipleship. Mission. Apostle Paul. Planting of churches.

¹ O autor é pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil, na cidade de Formosa/GO, onde está plantando uma igreja. É Mestre em Teologia/Missilogia e doutorando na mesma área pela North-West University (África do Sul). O presente artigo é um excerto da sua dissertação de mestrado intitulada "Montijo Baptist Church: an analysis of church planting in the light of Pauline practice and strategy", disponível em <https://repository.nwu.ac.za/handle/10394/35270>.

INTRODUÇÃO

As últimas palavras de Jesus aos seus discípulos foram claras, perpassam quase dois milênios e ainda continuam prementes: “Foi-me dada toda autoridade nos céus e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos” (Mt 28.19,20).² Justamente porque Jesus tem *toda* autoridade, sua Igreja é incumbida de fazer discípulos de *todas* as nações, ensinando-os a obedecer *a todas as* ordens de Cristo. Nessa tarefa de discipular pessoas, os crentes podem estar certos da companhia graciosa e capacitadora de Jesus, que os acompanhará *todos* os dias.

Embora não haja necessariamente um consenso entre exegetas, teólogos e missiólogos quanto ao que é, de fato, a ordem central nesses versículos³, ao comentar essa passagem, Hesselgrave observa que

fazer discípulos é o único imperativo e atividade central indicada na Grande Comissão. Fazer convertidos e crentes certamente está envolvido nesse imperativo. Mas a fé e o discipulado nunca podem ser divorciados entre si. A obediência é exigida, não somente por parte de quem leva a mensagem, mas também da parte daquele que ouve, se arrepende, e crê no evangelho. “Convertidos” e “crentes” (...) podem “viver como quiserem”. Mas “discípulos”, obviamente, devem fazer a vontade do seu Mestre.⁴

Se os estudiosos não são necessariamente unânimes no que é central na perícopa de Mateus 28.18-20, também divergem quanto ao próprio conceito de discipulado⁵. Ao longo desse artigo, será tomada a definição de Broadus (citada por Carson) diz que “discipular uma pessoa para Cristo é trazê-la para a relação de pupilo e mestre, ‘tomar seu jugo’ de instrução autoritativa (Mt 11.29), aceitando o que ele diz como verdade porque ele o diz e submetendo-se a suas experiências como certas, porque ele as fez”.⁶

Desse modo, a Igreja de Cristo faz discípulos debaixo de *toda* autoridade de Cristo, é enviada a *todas* as nações, onde ensina *todas* as coisas ordenadas pelo Senhor e o faz na certeza de o próprio Cristo estará com ela *todos* os dias, até a consumação dos séculos.

Outrossim, quanto à ordem de discipular pessoas, é importante salientar que há uma relação direta entre essa tarefa e o plantio de igrejas. Dito de forma direta: não há como plantar igrejas sem discipular pessoas.

Nesse sentido, o apóstolo Paulo acaba sendo um modelo de discipulador a ser seguido por plantadores de igrejas hodiernos. Paulo entrou na História da Igreja como o missionário do Novo Testamento que teve o mais profícuo ministério de plantio de igrejas. De acordo com Allen,

em pouco mais de dez anos, Paulo estabeleceu a Igreja em quatro províncias do Império: Galácia, Macedônia, Acaia e Ásia. Antes de 47 d.C. não havia igrejas nessas províncias; em 57 d.C., Paulo podia falar como se seu trabalho ali tivesse terminado e planejar extensas viagens ao extremo oeste sem ansiedade, com medo de que as igrejas que ele fundou pudessem perecer em sua ausência por falta de sua orientação e apoio.⁷

Para o estabelecimento dessas igrejas, o apóstolo seguia uma determinada estratégia definida por Kane como um “*modus operandi* flexível”, desenvolvido sob a orientação do Espírito Santo e sujeito a

² Ao longo desse artigo a versão bíblica usada é a Nova Versão Internacional.

³ Quanto a esse tema, veja BOSMA, Carl. Missões e Sintaxe Grega em Mateus 28.19. **Fides Reformata**, XIV, número 1, 2009, p. 9-34.

⁴ HESSELGRAVE, D. J. **Plantar Igrejas**: um guia para missões nacionais e transculturais. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 14.

⁵ Está fora do escopo desse artigo aprofundar o conceito e a esfera de ação do discipulado cristão. Para tal, sugere-se a leitura de BONHOEFFER, D. **Discipulado**. 11.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2004; STOTT, J. R. W. **O discípulo radical**. Viçosa: Ultimato, 2011; e CARVALHO, D. C. Pode um cristão ter discípulos? **Via Teológica**, vol. 20, n. 40, 2019, p. 35-67.

⁶ CARSON, D. A. **O Comentário de Mateus**. Tradução de Lena Aranha e Regina Aranha. São Paulo: Shedd, 2010, p. 742.

⁷ ALLEN, R. **Missionary methods**: St. Paul's or ours? Grand Rapids: Eerdmans, 1962, p. 3.

Sua orientação e controle.⁸ Tal estratégia era fundamentada nas suas convicções teológicas, moldada por sua filosofia ministerial e executada por uma metodologia específica, que, embora não necessariamente fosse sequencial⁹, contemplava:

- Evangelismo dos incrédulos;
- Discipulado dos crentes;
- Estabelecimento dos líderes;
- A saída para um novo empreendimento missionário.¹⁰

O objetivo do presente artigo é descrever o objetivo, a metodologia e o conteúdo do discipulado paulino, para, num segundo momento, refletir sobre as consequências dessa prática para o plantio de igrejas.

1. O OBJETIVO PAULINO AO DISCIPULAR

É fato de que, no processo de plantio de igrejas, Paulo não considerava sua tarefa terminada depois que as pessoas ouviam o evangelho e se convertiam¹¹ a Cristo. Esse era apenas o momento inicial da empreitada missionária, e estava longe de ser o final. De acordo com Paulo, os que haviam sido justificados ao depositarem sua fé em Cristo, também haviam sido “chamados para serem santos” (Rm 1.7), ou, usando as palavras de Jesus, os que entraram pela “porta estreita” (justificação/santificação posicional) também precisavam andar no “caminho estreito”¹² (santificação processual).

Embora Paulo estivesse convicto de que aquele que tinha começado uma boa obra nos crentes iria completá-la até o Dia de Cristo Jesus (Fp 1.6), também não ignorava o fato de que Satanás poderia enganá-los, desviando-os “da sua sincera e pura devoção a Cristo” (2Co 11.3). Sabia que estava vivendo os últimos dias da história, nos quais muitos abandonariam a fé e seguiriam espíritos enganadores e doutrinas de demônios (1Tm 4.3). Essa realidade era, para Paulo, um motivo de inquietação constante, o que pode ser verificado, por exemplo, na sua declaração aos coríntios: “enfrento diariamente uma pressão interior, a saber, a minha preocupação com todas as igrejas” (2Co 11.28).

Assim, por estar inquieto e preocupado com a vida espiritual daqueles que havia conduzido a Cristo, Paulo, sistematicamente discipulava aqueles que considerava seus filhos na fé. Isso porque Paulo via a si mesmo como um pai espiritual daqueles que havia ganho para Cristo. Esse conceito evoca uma dupla realidade: de um lado, Paulo os havia gerado em Cristo, e, de outro lado, como um pai, o apóstolo tomava sobre si a responsabilidade de educá-los e desenvolvê-los na vida cristã. Isso é expresso, por exemplo, em 1 Coríntios 4.15: “Embora possam ter dez mil tutores em Cristo, vocês não têm muitos pais, pois em Cristo Jesus eu mesmo os gerei por meio do evangelho”.¹³

⁸ KANE, H. J. *Christian Mission in biblical perspective*. Grand Rapids: Baker, 1976, p. 73.

⁹ Hesselgrave lembra que o processo de plantio de igrejas paulino “deve ser olhado tanto sincronicamente como diacronicamente. Ou seja, embora possamos pensar em progredir da etapa de comunicação, para a conversão, para congregar crentes, e assim por diante, devemos lembrar-nos também que, à medida em que passamos pelo tempo para as etapas mais adiantadas do desenvolvimento, ainda devemos continuar levando a efeito as atividades das etapas iniciais (ou supervisionar sua realização). (...) Por isso, linhas nítidas não devem ser traçadas entre os elementos principais do ciclo. Num sentido, são distintos e sequenciais. Noutro sentido, colidem uns com os outros, e fluem uns para os outros” (HESELGRAVE, 1995, p. 42).

¹⁰ GRAEBIN, J. E. **Montijo Baptist Church: an analysis of church planting in the light of Pauline practice and strategy**. Potschefstroom: NWU, 2019.

¹¹ Como a palavra “conversão” deve ser entendida? “Geralmente usamos o termo, no contexto religioso, em um dos seguintes sentidos: um é que alguém deixou sua posição religiosa (caso tenha tido alguma) para comprometer-se exclusivamente com outra; outro é que alguém até então um mero adepto da sua fé, descobre o significado e a importância dela com entusiasmo e compreensão” (GREEN, M. **Evangelização na Igreja Primitiva**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 179).

¹² Uma referência aqui as palavras de Jesus em Mateus 7.13,14: “Entrem pela porta estreita, pois larga é a porta e amplo o caminho leva à perdição, e são muitos os que entram por ela. Como é estreita a porta e apertado o caminho que leva à vida! E são poucos os que a encontram”.

¹³ Em 1 Tessalonicenses 2.11,12, a ideia de paternidade é expressa por Paulo nas seguintes palavras: “Pois vocês sabem que tratamos cada um como um pai trata os seus filhos, exortando, consolando e dando testemunho, para que vocês vivam de maneira digna de Deus, que os chamou para o seu Reino e glória”.

Justamente por ser pai espiritual dos seus convertidos, Paulo era tomado de um zelo de responsabilidade, que o levava a discipliná-los. Essa ideia é claramente expressa, dentre outros lugares, em 2 Coríntios 11.2: “O zelo que tenho por vocês é um zelo que vem de Deus. Eu os prometi a um único marido, Cristo, querendo apresentá-los a ele como virgem pura”. A figura evocada aqui, de um pai com ciúmes da sua filha, chama a atenção para o zelo que Paulo tinha ao cuidar de seus filhos espirituais. Ao comentar essa passagem, Harris lembra que “o ciúme humano é um vício, mas compartilhar o ciúme divino é uma virtude. O mais importante é o motivo e o objeto do ciúme. Há um lugar para a preocupação apaixonada de um pai espiritual pela devoção exclusiva e pura a Cristo de seus filhos espirituais, e também um lugar para a raiva dos potenciais violadores dessa pureza”.¹⁴

Assim sendo, o objetivo de Paulo ao disciplinar seus convertidos era gerar neles maturidade espiritual. Era um objetivo de longo prazo e multifacetado, uma vez que visava, segundo disse aos colossenses, “apresentar todo homem perfeito em Cristo” (Cl 1.28). Em outras palavras, tornar os discípulos como Cristo era seu alvo, ou, literalmente, como disse aos efésios, levá-los à maturidade, “atingindo a medida da plenitude de Cristo” (Ef 4.13). Por isso, ao ver que a maturidade espiritual dos coríntios estava aquém do esperado, Paulo lamentou: “Irmãos, não lhes pude falar como a espirituais, mas como a carnis, como a crianças em Cristo. Dei-lhes leite, e não alimento sólido, pois vocês não estavam em condições de recebê-lo” (1Co 3.1,2a).

O que também precisa ficar claro é que o desenvolvimento espiritual almejado por Paulo em seus convertidos não era uma realidade subjetiva e abstrata. Muito pelo contrário. A maturidade espiritual deveria se manifestar na vida dos discípulos de forma objetiva e concreta, nas mais diversas facetas da vida. Assim, por exemplo, o crescimento espiritual dos coríntios deveria se manifestar em relacionamentos pacíficos (1Co 3.1-9; 5.12-6.20), no uso moral do corpo (1Co 5.1-11; 6.12-20), na forma de se comportar nas reuniões da igreja (1Co 11.2-4; 14.26-40), na prática consciente dos dons espirituais (1Co 12-14), e na generosidade financeira àqueles que precisavam de ajuda (1Co 16.1-9). Às outras igrejas, Paulo mencionou características diferentes de crescimento espiritual. De fato, seu objetivo era – como já citado – apresentar “todo homem perfeito em Cristo” (Cl 1.28), o que se subentende uma gama de realidades (individuais, coletivas, emocionais, espirituais, relacionais e comportamentais).

Não há dúvida de que Lucas observou esse zelo pela saúde espiritual dos crentes na vida de Paulo (e de seus companheiros de viagem), de modo que em Atos há várias passagens que relatam a atitude deles após a conversão das pessoas. Atos 14.21,22 é relatado que “voltaram para Listra, Icônio e Antioquia, fortalecendo os discípulos e *encorajando-os a permanecer na fé*, dizendo: ‘É necessário que passemos por muitas tribulações para entrarmos no Reino de Deus’”. Em Atos 15.36, Paulo disse: “Voltemos para visitar os irmãos em todas as cidades onde pregamos a palavra do Senhor, *para ver como estão indo*”. Em Atos 16.40, depois de serem açoitados e presos em Filipos, “Paulo e Silas foram à casa de Lídia, onde se encontraram com os irmãos *e os encorajaram*”. Atos 18.23 afirma que “depois de passar algum tempo em Antioquia, Paulo partiu dali e viajou por toda a região da Galácia e da Frígia, *fortalecendo todos os discípulos*”. Em Éfeso, depois do tumulto causado por Demétrio, “Paulo mandou chamar os discípulos e, depois de *encorajá-los*, despediu-se e partiu para a Macedônia. Viajou por aquela região, *encorajando os irmãos com muitas palavras*” (At 20.1-2).

2. A METODOLOGIA PAULINA AO DISCIPULAR

Esse cuidado por aqueles que haviam se convertido, levava Paulo a conduzi-los no caminho do discipulado. De que forma?

- Inserindo-os na comunidade cristã (por meio do batismo);
- Nutrindo-os na comunidade dos crentes num ambiente de cuidado, amor, exortação e

¹⁴ HARRIS, M. J. 2 Corinthians. In: GAEBELIN, Frank E.; DOUGLAS, J. D. (edit.). **Romans-Galatians**. Vol. 10 of The Expositor's Bible Commentary. Grand Rapids: Zondervan, 1978, p. 385.

comunhão (expresso, dentro outros, pela Ceia do Senhor);

- Ensinando-lhes para viverem uma vida de obediência a Cristo.¹⁵

Essas três atitudes podem ser observadas, por exemplo, na cidade de Éfeso. Após evangelizar um grupo de homens, Paulo os batizou, inserindo-os na comunidade cristã (At 19.5). Consolidou essa comunidade de crentes por dois anos, nutrindo-os num ambiente de cuidado, amor, exortação e comunhão, bem como ensinando-os a viver uma vida de obediência ao Senhor (At 19.9,10; 20.20). Esse zelo pastoral continuou mesmo depois da saída de Paulo da cidade. Quando estava em Mileto, “Paulo mandou chamar os presbíteros da igreja de Éfeso” (At 20.17) e conversou com eles. O diálogo é eivado de exortações pastorais, dentre elas, que esse grupo de líderes deveria cuidar de si mesmos e do rebanho, que seria atacado tanto interna como externamente (At 20.28-30). Essas exortações continuariam na carta que Paulo endereçaria a essa mesma igreja anos depois, explicitando seu zelo pastoral.

O início do processo de discipulado, e, conseqüente cuidado pastoral, se dava na inserção do crente à comunidade cristã, por meio do batismo. O batismo era, na teologia paulina, uma representação do que havia acontecido no momento da conversão a Cristo (Rm 6.1-4). O cristão morreu para o pecado (Rm 6.2), foi lavado dos seus pecados (Tt 3.5) e ressuscitou para uma nova vida (Ef 2.5). Mas não apenas isso. Para Paulo, o batismo representava a entrada na família da fé, a Igreja (Ef 4.1-6), ou, como disse Green, “o batismo formalizava a entrada na sociedade cristã (...) A vida batismal implicava, portanto, em vida santa e amor cristão, e também em adoração e comunhão, testemunho e instrução (...). Em outras palavras, o batismo selava a conversão em todos os sentidos, sejam individuais, coletivos, éticos, culturais ou teológicos. A conversão, o batismo e a vida nova eram inseparáveis”.¹⁶

Essa compreensão do duplo significado do batismo (como sinal visível do que havia acontecido na conversão e como porta de entrada da comunidade cristã), foi resumido por Bruce nos seguintes termos:

O batismo, no ensino de Paulo, inicia os crentes na sua nova condição de estar “em Cristo”, tanto que a morte e a ressurreição histórica dele se tornam parte da experiência espiritual deles; o batismo no Espírito que o Senhor ressurreto efetuou, os incorpora em um só corpo com ele – ou, como Paulo diz ao Gálatas, “todos quanto fostes batizados em Cristo, de Cristo vos revestistes; [...] todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3.27).¹⁷

Para que a maturidade espiritual se efetivasse, a comunidade de crentes tinha papel fundamental, por, pelo menos, três fatores: os relacionamentos, o serviço e a nova ética. Nas palavras de Paulo: “Antes, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo. Dele todo o corpo, ajustado e unido pelo auxílio de todas as juntas, cresce e edifica-se a si mesmo em amor, na medida em que cada parte realiza a sua função” (Ef 4.15,16).

Nesse contexto, Calvino comenta:

Isso significa que nenhum crescimento é de utilidade quando não corresponde a todo o corpo. A pessoa que deseja crescer isoladamente segue um rumo equivocado. Pois que proveito traria [ao corpo] se uma perna ou um braço se desenvolvesse sem simetria, ou uma boca fosse grande demais? Seria ele simplesmente afligido como se tivesse presente um tumor maligno. Portanto, caso queiramos ser considerados em Cristo, que nenhum de nós seja tudo para si mesmo, senão que, tudo quanto venhamos a ser, sejamos em relação uns aos outros. Isso só pode ser realizado pelo amor; e onde o amor não reina, também não existe edificação na Igreja, senão mera dispersão.¹⁸

¹⁵ Em termos didáticos, é importante sublinhar que Paulo discipulava seus convertidos tanto individualmente quanto coletivamente. Um exemplo de discipulado individual pode ser encontrado em Timóteo, a quem Paulo chama de “verdadeiro filho na fé” (1Tm 1.2). Um exemplo de discipulado coletivo pode ser visto em Atos 19.9, na cidade de Éfeso. Ali, Paulo ensinou um grupo de discípulos, diariamente, na escola de Tirano.

¹⁶ GREEN, 1984, p. 188,191.

¹⁷ BRUCE, F. F. **Paulo, o apóstolo da Graça**: sua vida, cartas e teologia. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Shedd, 2003, p. 92.

¹⁸ CALVINO, J. **João Calvino**: uma coletânea de escritos. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 105.

Quanto aos relacionamentos, é importante salientar que o auxílio dos outros crentes no processo de discipulado era evidente, por exemplo, na comunhão (*koinonia*) vivida entre eles. Segundo Paulo, os relacionamentos eram um dos meios usados pelo Senhor para que o caráter cristão pudesse ser desenvolvido na vida dos discípulos, como é claramente expresso em Atos e nas suas cartas. Assim, em Atos, ao se despedir dos presbíteros de Éfeso, Paulo antevê um tempo futuro de lutas e dificuldades entre eles e lhes afirma: “Sei que depois da minha partida, lobos vorazes penetrarão no meio de vocês e não pouparão o rebanho. E dentre vocês mesmos se levantarão homens que torcerão a verdade, a fim de atrair os discípulos” (At 20.29,30). Em outras palavras, Paulo estava exortando essa igreja acerca de um ataque de falsos ensinamentos (homens que torcem a verdade), que desembocariam em sérios problemas relacionais (a fim de atrair os discípulos).

Apesar de Paulo não ter plantado a igreja em Roma, se preocupava com as tensões vividas entre “os fracos e os fortes” (Rm 14.1ss.).

F. F. Bruce diz que a igreja de Roma poderia se desintegrar rapidamente se os grupos cristãos (judeus e gentios) insistissem em exercer sua liberdade cristã sem se importar com a opinião dos outros. Paulo, então apresenta um critério que deve ser seguido por todos para resolver essas questões práticas na igreja: o amor e a tolerância. No verso 13 do capítulo 14 ele insta os cristãos a não julgarem um ao outro. A colocarem o interesse do próximo acima do seu próprio interesse.¹⁹

Os relacionamentos marcados por divisão entre os coríntios são fortemente rechaçados por Paulo: “Irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, suplico a todos vocês que concordem uns com os outros no que falam, para que não haja divisões entre vocês; antes, que todos sejam unidos num só pensamento e num só parecer” (1Co 1.10). Tal divisão era considerada por Paulo como um ato mundano e carnal (1Co 3.3).

Nessa mesma carta, Paulo mostra que as más companhias dos coríntios corromperam a sua teologia, levando alguns deles a não crer na ressurreição dos mortos (1Co 15). Em tom de indignação, também escreve aos Gálatas, lamentando o seu desvio doutrinário, influenciado pelo relacionamento corrosivo com os judaizantes (Gl 1.6 ss.). Na carta aos efésios Paulo fala da igreja como um local de unidade (Ef 4.1), que “cresce e edifica-se a si mesmo em amor, na medida que cada parte realiza a sua função” (Ef 4.16). Isso é possível, segundo Paulo, porque Cristo fez de judeus e gentios “um e destruiu a barreira, o muro de inimizade (...). O objetivo dele era criar em si mesmo, dos dois, um novo homem, fazendo a paz e reconciliar com Deus os dois em um corpo, por meio da cruz, pela qual ele destruiu a inimizade” (Ef 2.14-16). Na carta aos filipenses, Paulo apela a Evódia e a Síntique “que vivam em harmonia no Senhor” (Fp 4.2).

Todos esses versículos sublinham a centralidade dada por Paulo aos relacionamentos no seio da comunidade cristã. Nas suas próprias palavras: “Pois nenhum de nós vive apenas para si, e nenhum de nós morre apenas para si” (Rm 14.7). De acordo com Hesselgrave, Paulo dava tamanha importância ao tema dos relacionamentos entre os crentes porque

como pessoa que pertencia à igreja, o novo crente tinha identidade. Era um seguidor de Cristo. Na nova sociedade recebia alimento espiritual através da ação do grupo crente (Ef 4.11-16). Era amado e ensinado a amar (Hb 10.24,25). Recebia toda segurança e estabilidade que advêm de pertencer a um grupo. Este sendo de pertencer era tão íntimo que o grupo era chamado de *corpo* e cada pessoa fazia parte do corpo. Quando uma parte sofria, todas as partes sofriam. Quando um membro era honrado, todos os membros eram honrados (1Co 12.26).²⁰

Nesse contexto, a Santa Ceia representava não apenas uma identificação e um lembrar individual com a/da morte de Cristo (1Co 11.24,25), mas também um ato de adoração e comunhão coletiva. Segundo Bruce, para Paulo, a Ceia tinha uma função dupla: “quando eles partiam o pão que era o

¹⁹ SILVA, N. O. **Teologia e Missão**: perspectiva paulina da missão urbana em Romanos. São Paulo: Morávios, 2000, p. 16.

²⁰ HESSELGRAVE, 1995, p. 202.

símbolo do corpo de Cristo, eles relembavam seu auto sacrifício na cruz, mas também declaravam participar todos juntos do seu corpo coletivo”.²¹ Isso é claramente observado em 1 Coríntios 11.17-34. Aqui Paulo está instruindo os coríntios acerca de como a Santa Ceia deveria ser ministrada no contexto da coletividade, ao mesmo tempo que os exorta no sentido de observarem determinados ritos, que apontam para questões relacionais.

Por sua vez, em Atos, Lucas relata uma cena de comunhão entre os irmãos em Trôade, em que a Santa Ceia foi ministrada no “primeiro dia da semana” (At 20.7), isto é, no domingo. Toda a narrativa aponta para um ambiente de comunhão e aponta o fato que Lucas entendia a Ceia “no contexto de uma refeição comunitária, como no cenáculo em Jerusalém”.²²

Além dos relacionamentos, Paulo entendia que a comunidade de crentes era peça fundamental para o desenvolvimento da maturidade dos crentes, pois a Igreja era um local de serviço. As cartas paulinas são preches de exortações nesse sentido. Aliás, tais admoestações poderiam ser feitas com total autoridade de Paulo, uma vez que ele tinha uma vida de serviço ao Senhor e aos irmãos, nas suas palavras: “(...) tudo suporte por causa dos eleitos, para que eles também alcancem a salvação que está em Cristo Jesus, com glória eterna” (2Tm 2.10).

Nesse mesmo espírito de serviço aos crentes, conclama os irmãos: “Dediquem-se uns aos outros com amor fraternal. Prefiram dar honra aos outros mais do que a si próprios” (Rm 12.10); “Procurem aperfeiçoar-se, exortem-se mutuamente, tenham um só pensamento, vivam em paz” (2Co 13.11); “Irmãos, vocês foram chamados para a liberdade. Mas não usem a liberdade para dar ocasião à vontade da carne; pelo contrário, sirvam uns aos outros mediante o amor. Toda a lei se resume num só mandamento: ‘Ame o seu próximo como a si mesmo’” (Gl 5.13,14); “Por isso, exortem-se e edificuem-se uns aos outros, como de fato vocês estão fazendo” (1Ts 5.11).

Paulo não apenas exorta os irmãos para o serviço mútuo, mas elogia o espírito servil de Timóteo, dizendo: “Não tenho ninguém que, como ele, tenha interesse sincero pelo bem-estar de vocês, pois todos buscam os seus próprios interesses e não os de Jesus Cristo” (Fp 2.20,21). Aliás, foi a Timóteo que Paulo ordenou que orientasse os seus liderados ricos da seguinte forma: “Ordene aos que são ricos no presente mundo que não sejam arrogantes, nem ponham sua esperança na incerteza da riqueza, mas em Deus, que de tudo nos provê ricamente, para a nossa satisfação. Ordene-lhes que pratiquem o bem, sejam ricos em boas obras, generosos e prontos para repartir” (1Tm 6.17,18), ou seja, uma clara referência ao serviço.

Dentre as formas que o serviço se desenvolvia na prática, estava a assistência aos pobres. De acordo com Paulo, essa era uma marca do seu próprio ministério. Na carta aos gálatas, disse que foi recomendado por Tiago, Pedro e João (líderes da igreja em Jerusalém) a se lembrar dos pobres, o que, segundo Paulo, “se esforçou por fazer” (Gl 2.10). Nessa mesma carta, exorta aos irmãos a não se cansarem da fazer o bem, “especialmente aos da família da fé” (Gl 6.10). Noutro contexto, em Romanos 12.13, Paulo exorta aos irmãos: “Compartilhem o que vocês têm com os santos em suas necessidades. Pratiquem a hospitalidade”. Em 1 Coríntios 16.1 ss e 2 Coríntios 9.11 fala de ofertas que os coríntios deveriam dar, segundo Paulo, para “assistência aos santos.” (2 Co 9.1). Em Efésios 4.28, Paulo diz: “O que furtava não furtar mais; antes trabalhe, fazendo algo de útil com as mãos, para que tenha o que repartir com quem estiver em necessidade”. Em Filipenses 2.3,4 assevera: “Nada façam por ambição egoísta ou por vaidade, mas humildemente considerem os outros superiores a si mesmos. Cada um cuide, não somente dos seus interesses, mas também dos interesses dos outros”. A palavra aos tessalonicenses é: “Quanto a vocês, irmãos, nunca se cansem de fazer o bem” (2Ts 3.13).

Ao se observar esses versículos, nota-se que “o serviço de assistência aos pobres era uma estrutura fundamental na Igreja [neotestamentária], para que todos possam ter o necessário, sem discriminações.

²¹ BRUCE, 2003, p. 276.

²² STOTT, J. R. W. **A mensagem de Atos**. Tradução de Markus André Hediger e Lucy Yamakami. São Paulo: ABU, 1995, p. 360-361.

A partilha dos bens entre os fiéis se efetuava no interior de uma igreja, como entre as igrejas”.²³

Por fim, Paulo também almejava levar as pessoas a uma vida de obediência. Isso se dava porque, além de ser um local de comunhão e de serviço, a comunidade de crentes era vista como essencial para o crescimento espiritual dos crentes, pois era nela que os crentes desenvolveriam sua nova ética.

É importante notar que a essência da moral cristã, conforme exposta por Paulo, “não era uma forma de autorrealização, mas o cumprimento da Lei; (...) e para Paulo, toda Lei se resumia no seguinte: ‘Amarás o teu próximo como a ti mesmo’ (Gl 5.14). ‘Levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprirei a Lei de Cristo’ (Gl 6.2)”.²⁴ Ou seja, a realização ética exigida pelo Cristianismo e esperada como fruto do Espírito era algo que só poderia ter lugar em um contexto de relacionamentos interpessoais. Por exemplo, a lista de virtudes apresentada por Paulo como “o fruto do Espírito” (Gl 5.22 ss.), contém muitas virtudes que não têm sentido se separadas das relações pessoais. “A paciência, a longanimidade e a bondade não são coisas que se pode cultivar na solidão”.²⁵ Para Paulo, era na Igreja que essas virtudes podem crescer e ser cultivadas. A Igreja é a “sociedade na qual a Lei de Cristo é a lei; em que a conduta não é ‘segundo a carne’ *kata sarka*, mas ‘segundo o Espírito’ *kata pneuma*. É o domínio de Cristo e seu Espírito, é o poder dinâmico de todas as atividades”.²⁶

3. O CONTEÚDO PAULINO AO DISCIPULAR

Isso leva a outra importante pergunta: “Qual era o conteúdo abordado por Paulo ao discipular” Ou, dito de outra maneira: “O que Paulo queria que seus convertidos entendessem e obedecessem?”

Uma vez que, como visto acima, o objetivo de Paulo era gerar maturidade espiritual nas mais diversas facetas da vida dos seus discípulos, o conteúdo que ele ensinava, obviamente, era também amplo. Contudo, havia três áreas centrais do seu ensino aos discípulos:

- A compreensão da experiência de conversão a Cristo;
- A reorientação teológica do pensamento;
- A construção de uma nova ética.

Levar seus discípulos a compreender o que lhes havia acontecido quando se converteram a Cristo foi um dos primeiros conteúdos presentes no discipulado de Paulo aos seus convertidos.²⁷ Isso é evidenciado, por exemplo, na estrutura que ele usualmente desenvolveu nas suas cartas dirigidas às igrejas que plantou. Em quase todas, os primeiros versículos são separados para esse fim. Assim, aos coríntios, ele afirma: “Sempre dou graças a meu Deus por vocês, por causa da graça que lhes foi dada por ele em Cristo Jesus. *Pois nele vocês foram enriquecidos em tudo (...)* Fiel é Deus, o qual *os chamou à comunhão com seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor*” (1Co 1.4,5a,9).

Aos gálatas, Paulo os saúda dizendo que Jesus “se entregou a si mesmo por nossos pecados a fim de nos *resgatar desta presente era perversa*, segundo a vontade de nosso Deus e Pai” (Gl 1.4). Aos efésios, Paulo toma os três primeiros capítulos da carta para destacar a operosidade da graça divina entre eles.²⁸ Em Filipenses, Paulo exalta ao Senhor por ter começado neles a boa obra da salvação, a qual completaria até a segunda vinda de Cristo (Fp 1.6). Aos colossenses, ele lhes diz que o Senhor os “*tornou dignos de participar da herança dos santos no reino da luz*”, pois, ele os “*resgatou das trevas e os transportou para o Reino do seu Filho amado*, em que há a redenção, a saber, o perdão dos pecados” (Cl 1.12-14). Aos tessalonicenses, Paulo exalta ao Senhor pelo fato de que aquela igreja havia se tornado fruto da escolha graciosa e soberana de Deus (1 Ts 1.4), e porque “desde o princípio *Deus os escolheu para*

²³ FABRIS, J. **Atos dos apóstolos**. Tradução de Pier L. Cabra. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 128.

²⁴ MANSON, T. W. **Cristo por Paulo**. Tradução de Daniel Costa. São Paulo: Fonte Editorial, 2009, p. 101.

²⁵ MANSON, 2009, p. 101.

²⁶ MANSON, 2009, p. 101-102.

²⁷ Hesselgrave chama esse momento de “ensinos elementares da fé cristã” (HESSELGRAVE, 1995, p. 222).

²⁸ CALVINO, J. **Institución de la Religión Cristiana**. Tomo II. Barcelona: Fundación Editorial de Literatura Reformada, 1999, p. 15.

serem salvos mediante a obra santificadora do Espírito e a fé na verdade” (2Ts 2.13).

O outro assunto abordado por Paulo no processo de discipulado dos seus convertidos era a reorientação teológica do pensamento. Como visto acima, muitos gentios que conheceram Jesus por meio do ministério paulino eram provenientes de um contexto fortemente influenciado pela idolatria. Porém, quando se converteram a Cristo, passaram por uma mudança de vida, evidenciada por aqueles que estavam perto, de sorte que todos podiam relatar “como se voltaram para Deus, deixando os ídolos a fim de servir o Deus vivo e verdadeiro” (1Ts 1.9). Se a conversão ao Deus vivo era real, a estrutura de pensamento desses novos crentes, moldada pela cultura idólatra, precisava passar por um processo de transformação.

Em outras palavras, Paulo precisava destruir as falsas concepções de Deus (ou ídolos), e construir uma visão coerente com o ensino das Escrituras (1Co 10.19,20). Caso isso não acontecesse, toda a vida cristã das suas comunidades ficaria comprometida. Desse modo, para ilustrar, quando Paulo ensina aos coríntios acerca dos dons oferecidos pelo Deus verdadeiro (por meio do seu Espírito), faz questão de diferenciar a atuação desse Deus da dos ídolos. Isso se fazia necessário, segundo Paulo, porque quando os coríntios eram pagãos, “de uma forma ou de outra eram fortemente atraídos e levados para ídolos mudos” (1Co 12.2).

O terceiro elemento central no ensino de Paulo era a construção de uma nova ética.²⁹ Como visto anteriormente, o pressuposto paulino era de que o homem havia sido criado para glorificar a Deus. Entretanto, com a Queda, esse propósito fora desviado. Ao invés de glorificar a Deus, o homem quis ser como Deus. “Em outras palavras, com a Queda, o ser humano passou a ter carência de um estado de vida exatamente como aquele para o qual fora criado”.³⁰ Para Paulo, essa restauração ao propósito original de Deus se dava por meio da fé no Evangelho de Cristo. A justificação por graça e fé em Cristo, gerava paz com Deus, ou seja, reconciliação (Rm 5.1). De modo que, “se pela transgressão de um só a morte reinou por meio dele, muito mais aqueles que recebem de Deus a imensa provisão da graça e a dádiva da justiça reinarão em vida por meio de um único homem, Jesus Cristo” (Rm 5.17).

Contudo, aquele que foi justificado por Cristo e reconciliado com Deus, é chamado para, em tudo, viver uma vida que glorifica ao Senhor. Ou, usando as palavras de Paulo aos Romanos: “Portanto, irmãos, rogo-lhes, pelas misericórdias de Deus, que se ofereçam em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus; este é o culto racional de vocês” (Rm 12.1).³¹ Na verdade, o que Paulo diz aqui é: “Aceite a Cristo, renegando a sua vida e entregando-se a ele em adoração, ou seja, ponha sua vida no altar dele, negando seu eu”.³² Essa era a atitude do próprio Paulo, de sorte que em Gálatas 2.20 ele assume: “Fui crucificado com Cristo. Assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. A vida que agora vivo no corpo, vivo-a pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim”.

Observa-se, portanto, que há dois pontos evidentes na teologia paulina, no que diz respeito a ética: primeiro, a vida ética não justifica as pessoas diante de Deus. O moralista descrito em Romanos 2.1-16 é tão injusto diante de Deus quanto o idólatra, descrito em Romanos 1.18-32. Além disso, a vida ética é uma resposta de amor e gratidão a Cristo e evidencia o seu relacionamento com Deus; afinal, as pessoas não são salvas *por* obras (Ef 2.8,9), todavia o são *para* boas obras, as quais Deus preparou antes da fundação do mundo para serem praticadas (Ef 2.10). Ou seja, a vida na graça de Cristo não é, de forma alguma, um chamado ao desleixo ético/moral.

²⁹ Os helênicos não consideravam a ética como uma parte da religião, o cristianismo sim (GREEN, 1984, p. 180).

³⁰ REGA, L. S. A Ética em Paulo. In: REGA, L. S. (org). **Paulo e sua teologia**. 2.ed. São Paulo: Vida, 2009, p. 54.

³¹ A palavra “portanto” (*oun*) pode se referir à frase anterior (de Rm 11.36), ou a todo o conteúdo desenvolvido por Paulo nos capítulos anteriores, em outras palavras, “portanto, agora que vocês conhecem a justificação pela fé em Cristo e foram reconciliados com Deus, ofereçam os seus corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus”. Essa organização de pensamento se encontra nas outras cartas de Paulo, as quais, como visto acima, depois de descreverem os efeitos do Evangelho na vida do crente (indicativos), desenvolvem uma série de normas éticas (imperativos).

³² REGA, 2009, p. 57.

É importante salientar que, para Paulo, todo o processo de transformação ética não era apenas uma questão de esforço próprio do crente. Era uma operação do Espírito Santo (Rm 8.1-4), possibilitada pela graça de Deus, a qual ensina os crentes a “renunciar à impiedade e às paixões mundanas e a viver de maneira sensata, justa e piedosa nesta era presente” (1Tm 2.12).

Por fim, como visto anteriormente, o ensino da ética em Paulo envolvia vários aspectos, abrangendo a vida individual e coletiva. Desse modo, por exemplo, os discípulos são chamados individualmente a fugir da imoralidade sexual (1Co 6.18; 1Ts 4.3-5), a abandonar a mentira (Ef 4.25), a criarem seus filhos “segundo a instrução e o conselho do Senhor” (Ef 6.4), a zelar pela qualidade dos seus pensamentos (Fp 4.8), a orar (Cl 4.3,4), a trabalhar com diligência (2Ts 3.10). Porém, coletivamente, os discípulos são chamados a cuidar uns dos outros (1Co 12.25), a servir uns aos outros mediante o amor (Gl 5.13), a levar os fardos pesados dos outros (Gl 6.2), a perdoarem-se uns aos outros (Ef 4.32), e a consolarem-se uns aos outros (1Ts 4.18).

Para que Paulo ensinasse seus discípulos a obedecer, dois elementos eram centrais: as Escrituras e a sua própria vida.

Como visto acima, para Paulo, o desenvolvimento ético (santificação processual) era uma operação graciosa do Espírito Santo. Porém, no que tange a esse assunto, é importante sublinhar que a santificação acontecia a partir da mente, e pela exposição das Escrituras. Em Romanos 12, depois de dizer que os cristãos deveriam oferecer os seus corpos como sacrifício de adoração ao Senhor (v.1), diz também como isso pode ser viabilizado: pela renovação da mente (v.2).

Renovar a mente requer alteração dos padrões de conduta e opções de escolhas já presentes na estrutura mental e emocional da pessoa. Como isso é possível? O próprio apóstolo explica ao jovem Timóteo o papel das Escrituras na renovação da mente: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra” (2Tm 3.16,17). As Escrituras ensinam a verdade, evidenciam o erro, mostram como corrigi-lo e instruem na prática da retidão.³³

Desse modo, não é difícil perceber que, dentre os assuntos centrais das Escrituras ensinadas por Paulo no discipulado, estava o Decálogo. Ele proveu a base para a instrução ética dos convertidos de Paulo. É claro que não aplicou os mandamentos como um fariseu legalista, mas os observou no seu uso didático, como regra de prática para a vida dos crentes.³⁴

A fim de aplicar os ensinamentos das Escrituras rapidamente à vida dos convertidos, Paulo procurava pessoas com maior formação e influência, focava seu ministério nessas pessoas e elas, posteriormente, ensinavam a outros (2 Tm 2.2). Allen comenta:

Timóteo esteve em Listra por dezoito meses após a primeira visita de Paulo. Paulo poderia ensinar a Timóteo, que conhecia o Antigo Testamento, como lê-lo e explicá-lo aos cristãos; e Timóteo em dezoito meses poderia ensinar outros para que sua saída não fosse uma perda séria. Gaio em Derbe, Lucas em Filipos, Aristarco e Segundo em Tessalônica, Sopater em Berea, Erasto e muitos outros em Corinto, provavelmente eram homens de alguma educação que podiam rapidamente compreender os princípios essenciais do método de interpretação de São Paulo e depois aplicá-los para o benefício dos menos instruídos.³⁵

Além das Escrituras, o outro elemento usado por Paulo para discipular aqueles que ele havia ganho para Cristo era o seu próprio exemplo de vida. Bosch observa que Paulo “se apresenta como modelo a ser emulado, não apenas por seus colaboradores, mas por todos os cristãos”.³⁶

³³ REGA, 2009, p. 64.

³⁴ Quanto a esse uso do decálogo, Calvino afirmou: “A lei é o melhor instrumento para capacitar os crentes a aprender diariamente a vontade de Deus a ser seguida” (CALVINO, 1999).

³⁵ ALLEN, 1962, p. 89.

³⁶ BOSCH, D. J. *Missão transformadora*: mudanças de paradigma na teologia da missão. Tradução de Geraldo Korndörfer e Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, 2002, p. 170.

Como visto anteriormente, Paulo se via como um pai zeloso daqueles que havia ganhado para Cristo. Por ser um pai, poderia e deveria apresentar aos seus filhos espirituais um padrão de vida a ser imitado. Assim, em 1 Coríntios 4.16, apela àqueles cristãos: “suplico-lhes que sejam meus imitadores”. E, no próximo versículo diz: “Por essa razão”, (isto é, porque eu quero que vocês sejam meus imitadores), “estou lhes enviando Timóteo, meu filho amado e fiel no Senhor, o qual lhes trará a lembrança a minha maneira de viver em Cristo Jesus, de acordo com o que eu ensino por toda parte, em todas as igrejas” (1Co 4.17).

Nessa mesma carta, depois de dizer que fazia de tudo para com todos, com o propósito de glorificar a Deus e ganhar pessoas para Cristo, apelou aos coríntios: “Tornem-se meus imitadores, como eu o sou de Cristo” (1Co 11.1). Em Filipenses, Paulo coloca a si mesmo como um padrão de vida cristã a ser imitado, e diz: “Irmãos, sigam unidos o meu exemplo e observem os que vivem de acordo com o padrão que lhes apresentamos” (Fp 3.17). A esse mesmo grupo disse para, porém em prática tudo que haviam aprendido, recebido, ouvido e visto na sua vida (Fp 4.9). Nas suas duas cartas aos tessalonicenses, Paulo se coloca como um exemplo a ser seguido em dois sentidos: como alguém que suportou os sofrimentos por ser seguidor de Cristo (1Ts 1.6), e como alguém que não viveu ociosamente, mas demonstrou na sua vida profissional um padrão da ética cristã (2 Ts 3.7,9). Todos esses versículos mostram que Paulo ilustrava o seu ensino com a sua vida. Como disse Hawthorne: “It appears that he [Paul] was of the conviction that the truths of the Christian gospel must never be abstracted from action and put into high-toned words and phrases, but always expressed in the life of the teacher”.³⁷

4. CONSEQUÊNCIAS PARA O PLANTIO DE IGREJAS

Diante do exposto até acima, quais são as consequências do alvo, da metodologia e do conteúdo paulino para o discipulado dos seus convertidos para um projeto de plantio de igrejas hodierno? Ou, dito de outra forma, como aplicar esses princípios de discipulado paulino num projeto de plantio de igrejas?

Embora essas não sejam as únicas consequências práticas, três merecem destaque:

- Evangelismo não é o propósito final;
- Discipulado é um trabalho para a vida inteira;
- Discipulado é um trabalho de parceria entre o plantador e a igreja local;

Todo projeto de plantio de igrejas deve priorizar o evangelismo, no intuito de levar as pessoas a Cristo. Entretanto, esse não é o propósito final. Depois que as pessoas se convertem, precisam ser devidamente cuidadas. Matos alerta que

em muitas igrejas locais se verifica uma grande ironia, um grande paradoxo. Essas igrejas fazem um enorme e apreciável investimento na área da evangelização, da atração de novas pessoas e famílias para o evangelho de Cristo. (...) Porém, tão logo essas pessoas se convertem e são recebidas na igreja, elas são, por assim dizer, esquecidas e caem na rotina da vida da comunidade. Como elas já estão do lado de dentro, entende-se que não mais precisam de tanta atenção. É assim que muitos novos membros depois de algum tempo acabam se decepcionando, perdendo o seu entusiasmo inicial e abandonando a igreja. Isso mostra a absoluta necessidade de um elemento complementar ao evangelismo, que é o discipulado ou a integração dos novos convertidos.³⁸

Por sua vez, enquanto o evangelismo é – em termos de tempo – uma atividade mais pontual, o discipulado é uma tarefa para a vida toda. Uma igreja pode ser institucionalmente organizada, mas seus membros sempre de novo precisarão ser chamados à obediência a Cristo e a uma transformação

³⁷ HAWTHORNE, G. F. *Philippians*: Word Biblical Commentary series. Waco: Word Books, 1983, p. 190.

³⁸ MATOS, A. S. “Não deixemos de congregar-nos”: enfrentando o problema da evasão de membros. *Fides Reformata*, vol. 19(1), 2014, p. 31.

de caráter. Dito de outra forma, o discipulado apenas terminará quando formos “semelhantes a ele [Jesus]” (1Jo 3.2).

Por vezes, discipular pessoas e gerar nelas maturidade cristã é um trabalho pesado e desgastante para o plantador. Nesse sentido, é importante que ele se lembre que o seu trabalho não deve ser feito sozinho. O próprio contexto da igreja em que o crente está inserido é um local de ensino, crescimento e transformação de caráter.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, neste artigo observou-se que o discipulado é uma tarefa premente na vida da igreja de Cristo. Até que Cristo volte, seus seguidores serão chamados a “ensinar a obedecer a tudo o que o Senhor ordenou” (Mt 28.20).

O apóstolo Paulo levou muito a sério essa tarefa, não resumindo o seu ministério de plantio de igrejas na tarefa de evangelizar, mas sim, levando seus convertidos à maturidade espiritual (seu objetivo ao discipular); inserindo-os na comunidade cristã, nutrindo-os e ensinando-os a viverem uma vida de obediência a Cristo (sua metodologia ao discipular). Por fim, expôs àqueles que estavam sob sua tutela a compreensão da experiência de conversão a Cristo, reorientou teologicamente seus pensamentos e construiu uma nova ética (seu conteúdo ao discipular).

Com certeza, projetos de plantio de igrejas hodiernos que seguirem o modelo paulino – sob a graça do Senhor – serão exitosos no sentido de desenvolverem discípulos de Cristo conhecidos pela sua maturidade, o que, inevitavelmente, redundará num dos fatores indiscutíveis de propagação da fé cristã.

REFERÊNCIAS

ALLEN, R. **Missionary methods**: St. Paul's or ours? Grand Rapids: Eerdmans, 1962.

BÍBLIA SAGRADA. **Nova Versão Internacional**. São Paulo: Vida, 2007.

BONHOEFFER, D. **Discipulado**. 11.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

BOSCH, D. J. **Missão transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão. Tradução de Geraldo Korndörfer e Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

BOSMA, Carl. Missões e Sintaxe Grega em Mateus 28.19. **Fides Reformata**, XIV, número 1, 2009, p. 9-34.

BRUCE, F. F. **Paulo, o apóstolo da Graça**: sua vida, cartas e teologia. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Shedd, 2003.

CALVINO, J. **Institución de la Religión Cristiana**. Tomo II. Barcelona: Fundación Editorial de Literatura Reformada, 1999.

CALVINO, J. **João Calvino**: Uma coletânea de escritos. São Paulo: Vida Nova, 2017.

CARSON, D. A. **O Comentário de Mateus**. Tradução de Lena Aranha e Regina Aranha. São Paulo: Shedd, 2010.

CARVALHO, D. C. Pode um cristão ter discípulos? **Via Teológica**, vol. 20, n. 40, 2019, p. 35-67.

FABRIS, J. **Atos dos apóstolos**. Tradução de Pier L. Cabra. São Paulo: Paulinas, 1984.

GRAEBIN, J. E. **Montijo Baptist Church**: an analysis of church planting in the light of Pauline practice and strategy. Potschefstroom: NWU, 2019. (Dissertação – Mestrado).

- GREEN, M. **Evangelização na Igreja Primitiva**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1984.
- HARRIS, M. J. 2 Corinthians. In: GAEBELIN, Frank E.; DOUGLAS, J. D. (edit.). **Romans-Galatians**. Vol. 10 of The Expositor's Bible Commentary. Grand Rapids: Zondervan, 1978.
- HAWTHORNE, G. F. **Philippians**: Word Biblical Commentary series. Waco: Word Books, 1983.
- HESSELGRAVE, D. J. **Plantar Igrejas**: um guia para missões nacionais e transculturais. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- KANE, H. J. Christian Mission in biblical perspective. Grand Rapids: Baker, 1976.
- MANSON, T. W. **Cristo por Paulo**. Tradução de Daniel Costa. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.
- MATOS, A. S. "Não deixemos de congregar-nos": enfrentando o problema da evasão de membros. **Fides Reformata**, vol. 19(1), 2014, p. 21-33.
- REGA, L. S. A Ética em Paulo. In: REGA, L. S. (org). **Paulo e sua teologia**. 2.ed. São Paulo: Vida, 2009. p. 53-74).
- SILVA, N. O. **Teologia e Missão**: perspectiva paulina da missão urbana em Romanos. São Paulo: Morávios, 2000.
- STOTT, J. R. W. **A mensagem de Atos**. Tradução de Markus André Hediger e Lucy Yamakami. São Paulo: ABU, 1995.
- STOTT, J. R. W. **O discípulo radical**. Viçosa: Ultimato, 2011.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional*